

FORMAR A VANGUARDA PROLETÁRIA

A Linha Estratégica da Organização ¹

(ERIC SACHS)

1. O presente debate, que se desenrola entre nós sobre "Estratégia e Tática", no fundo é o antigo problema do fim e dos meios para atingi-lo. Do objetivo e do caminho para alcançá-lo. Periodicamente, toda organização revolucionária tem de se colocar a pergunta: "o que fazer?".

O uso de noções como "**estratégia e tática**" disciplinam os debates do problema — sob condição de que sejam aplicadas de um modo materialista e não como chavões para cobrir lacunas. O marxismo-leninismo entra em cena, no início, como movimento teórico, meramente por meio de literatura, propaganda e agitação. Na medida em que se passa à prática revolucionária, começa-se a lidar com fatores materiais, com forças à disposição, e é aí que os problemas de "estratégia e tática" propriamente ditos começam a pesar. Quando falamos de "**objetivos do movimento comunista**" em termos de princípios, temos em mente a revolução socialista, a ditadura do proletariado e a sociedade comunista mundial. Tratam-se de objetivos programáticos, que divulgamos e propagamos mesmo quando ainda não estamos em condições de lutar diretamente por eles. Objetivos estratégicos, por outro lado, são estabelecidos dentro de determinadas relações de forças, dentro da viabilidade material, para a classe, ou para sua vanguarda, em determinada fase da luta.

Sabemos que termos como "estratégia e tática" aplicados à luta de classe, foram tirados do vocabulário militar (como outros: vanguarda, frente, etc.). Na estratégia militar lida-se com fatores materiais concretos: forças disponíveis, terreno, mobilidade, potencial de fogo, reserva industrial, acesso a matérias-primas e outros. É à base desses fatores que se pode elaborar uma estratégia, fixar os objetivos estratégicos e elaborar a tática correspondente. Independentemente da mudança de sentido que esses termos tomam na luta de classes, só tinha sentido aplicá-los quando na realidade haviam forças organizadas, "**exércitos**" de classes em choque. Os revolucionários que começaram a se servir desse vocabulário emprestado contavam de fato com "exércitos", o proletariado mobilizado, ou pelo menos parte dele, em termos objetivos, definidos e em choque com a sociedade burguesa, desafiando e enfrentando os exércitos da reação.

Se nós visamos colocar atualmente, de modo concreto, o problema estratégico e tático para a Organização, temos de colocar, antes de tudo, de forma realista a questão: qual é a nossa força material? Qual é o nosso "exército"?

Olhando o problema mais de perto, talvez cheguemos à conclusão de que ainda não podemos falar de um exército nosso, que mais nos parecemos com um estado-maior automeado e sem tropas. No momento, entretanto, não estamos sozinhos nesta situação. Toda a esquerda do país enfrenta o mesmo problema. A abrilada causou a derrota sem luta de "exércitos" mal preparados e mal liderados para as exigências da luta de classes modernas. O que sobreviveu foram organizações conspirativas,

¹ Escrito por Eric Sachs ("Ernesto Martins"), dirigente e principal formulador teórico da ORM Política Operária. Circulou em edição mimeografada, em maio de 1967, como documento interno da organização Política Operária. Digitalizado em set/2007 e revisado com base na versão constata da coletânea "Andar com os Próprios Pés", Belo Horizonte, SEGRAC, 1994.

maiores ou menores, entre as quais nós nos destacamos.

Essa situação nos obriga a enfrentar o problema da estratégia e tática de um modo específico. De um lado elaboramos e propagamos conceitos estratégicos para um exército em potencial, a classe operária, dizendo o que se deve fazer, e o que se devia ter feito, no interesse do progresso revolucionário no país. De outro lado, temos de nos empenhar diretamente na formação de um "**exército revolucionário**", isto é, reunir as facções mais conseqüentes para a ação comum e criar as bases materiais para alterar as relações de forças. Isto só se dará na medida da penetração das nossas teorias políticas na classe operária, na medida em que se der uma mudança qualitativa do proletariado.

Para nós, essa mudança qualitativa, que implica na formação de um proletariado independente e oposto à sociedade burguesa-latifundiária, é premissa e condição para qualquer avanço real do processo revolucionário do país; premissa e condição da aliança de classes capaz de desafiar o regime burguês-latifundiário sob tutela imperialista; é premissa e condição para uma contribuição brasileira à Revolução Mundial e à instituição do comunismo neste Globo.

Nestas circunstâncias, tem pouco sentido atualmente se a nossa tática é de "cerco" ou de "assalto". Ou a cômoda crítica de que "*a Organização não tem uma estratégia para derrubar a ditadura*". Este argumento, em especial, ou não é muito sincero, ou trai uma concepção política absolutamente burguesa de luta. Uma "estratégia para derrubar a ditadura", de caráter imediatista, só poderia ser concebida em aliança com as forças que ainda dispõem de poder real, com "exércitos", isto é, com facções da classe dominante. Semelhante aliança, que teria de se basear na ficção de que as facções descontentes da classe dominante estejam dispostas a levar a luta contra a ditadura até as últimas conseqüências, teria de sacrificar as posições proletárias independentes. Essa "estratégia" não seria outra coisa do que a esperança depositada nas forças da política tradicional burguesa, em troca do abandono da criação de um proletariado independente. É a estratégia do reformismo.

A nossa linha estratégia é a da penetração no proletariado – ideológica e organicamente – e a da mobilização do proletariado independente nas lutas de classe do país. É a da criação de um exército revolucionário e de uma vanguarda capaz de liderá-lo. Tratam-se de dois aspectos de um só processo. É a essa linha estratégia que devemos saber submeter todas as outras considerações.

2. Se nós aceitamos a premissa marxista de que a emancipação dos operários só pode ser obra da própria classe, não devemos esquecer também que a organização do proletariado só pode se dar pela atividade da própria classe. A nossa vanguarda, hoje preponderantemente composta por revolucionários provenientes das classes médias, fornece antes de tudo a teoria, que tem de penetrar no proletariado para torná-lo apto a preencher seu papel. A teoria não penetra sozinha. É levada para dentro da classe operária por agitadores e propagandistas que preparam o terreno para a organização e a luta consciente. Mas a teoria mais justa e as palavras de ordem mais combativas não atingirão as massas se não tivermos quadros da própria classe que as divulguem e que ajudem os operários, na ação prática, a tirar as conseqüências dos seus novos conhecimentos. As palavras de ordem têm sido encaradas, freqüentemente, destacadas do terreno material das lutas de classe. Assim, fala-se de palavras de ordem que teriam o condão de despertar e mobilizar a classe. Mas o despertar e a mobilização da classe se dão por toda a ação política da vanguarda - sua agitação contra o regime e pela revolução socialista, seu trabalho contínuo de organização, etc. — à base das condições concretas da exploração capitalista. As palavras de ordem servem, então, para sintetizar as soluções imediatas (as de agitação) ou gerais (de propaganda), apontando para a classe o caminho da

revolução. A palavra de ordem não pode **substituir** a nossa atividade militante no meio do proletariado. E esta só poderá se desenvolver e se fazer sentir através de quadros proletários revolucionários, cuja formação deve ser nossa preocupação mais urgente.

3. O problema concreto é como penetrar quadros em sua grande maioria de origem pequeno-burguesa, no proletariado e desenvolver uma atividade frutífera.

Os sindicatos reúnem uma parte mais ou menos ativa do proletariado de diversos ramos industriais (dependendo muito das condições locais), embora nem sempre sua parte mais radical, que dificilmente encontra um campo de atividade satisfatório nas atuais condições da vida sindical. Nas presentes circunstâncias, o sindicato é mais um ponto de encontro, um dos meios de penetrar na classe, do que um instrumento de luta. Querer **limitar** as nossas atividades aos sindicatos e à política sindical é renunciar ao objetivo da organização da classe. Nas condições da legalidade, da república juelinista e janguista, dificilmente os sindicatos abrangeram as maiores parcelas dos operários de seus setores, que formalmente representavam. Naquela época o nosso sindicato já vivia da política de cúpula, renunciando conscientemente à organização do proletariado pelas bases. O resultado se tornou evidente em abril de 64. Sob o regime militar, as condições para uma atividade sindical só poderiam piorar e, conseqüentemente, decresceu a atração dos sindicatos sobre a massa. Tendo em vista essas limitações que, entre outras coisas, dificultavam a entrada de elementos de fora — estudantes e intelectuais revolucionários - nas dependências sindicais, as nossas atividades nesse meio só terão sentido se buscarmos chegar, por intermédio de organizações sindicais, às fábricas. Aí, mediante uma pressão organizada de baixo para cima e com a mobilização da classe, pode-se quebrar a coação que pesa sobre os sindicatos atualmente e torná-los instrumentos da luta de classe. Isso requer uma combinação de atividades legais e clandestinas, que variam conforme as condições concretas. Ainda é possível, por intermédio de médicos, advogados, dentistas, levar gente de fora para dentro dos sindicatos. Às vezes, atividades culturais permitem também contatos operário-estudantis. Mas onde houver possibilidade, tal ação deve visar a formação de quadros operários, pois o trabalho sistemático só poderá ser feito de dentro dos órgãos de classe.

4. A base da atuação revolucionária e da organização operária tem de ser a fábrica, a oficina, o lugar de trabalho. Lançamos a palavra de ordem dos **Comitês de Empresa**, como órgãos representativos básicos do proletariado. Sendo um órgão representativo da classe não é partidário. Embora composto de elementos mais ativos e esclarecidos, tem de refletir o estado de espírito da classe. Os elementos partidários têm de competir para a representação e sua indicação ou eleição será um termômetro da situação política reinante. Levando em conta a situação atual da classe operária, o Comitê de Empresa só poderá surgir em torno de reivindicações. Tem de se basear e de estimular a solidariedade de classe latente, para chegar à consciência política da classe. Tem que começar a levantar os problemas de emprego, condições de trabalho, salário, situação social do operário frente ao mestre e ao patrão, para chegar à atuação política.

Mas embora começando como órgão de defesa de interesses econômicos, não é um mero órgão de lutas econômicas. Como **órgão de representação da classe**, se tornará político e instrumento de lutas políticas, na medida em que se forma e se manifesta a consciência política do nosso proletariado. Mas o efeito é mútuo; uma vez formados os Comitês, eles podem se tornar parte da estrutura sindical, como podem mandar seus delegados para congressos políticos da classe, em escala local ou nacional. Isso dependerá das condições em que se desenvolverão as lutas de classe no país. Mas, uma vez formados, os Comitês de Empresa criarão um fato consumado

que alterará as relações de forças existentes no país, pela presença de uma classe organizada nas lutas sindicais e políticas.

5. No presente momento, a palavra de ordem dos "Comitês de Empresa" é antes de tudo educativa e propagandística. Na situação em que se encontra o proletariado, poucos serão os setores em condições de enfrentar, na prática, a formação dos comitês a curto prazo.

Isso não deve ser razão de desânimo. Para nós, trata-se de propagar no seio do proletariado os meios de luta que o ajudarão a se organizar nas futuras crises, quando a classe começar a se movimentar. E a classe se lembrará dessas soluções se as propagarmos **agora**, enquanto é tempo. O problema é atingir com nossa agitação e propaganda uma classe paralisada, que não tem idéia de sua própria força, para que ponha as soluções em prática, em condições de novas lutas que alimentarão sua auto-confiança. A formação dos Comitês, como instituição, em escala nacional, só poderá ser resultado de um recrudescimento da luta. A solução mais natural seria que os Comitês de Greve, formados em momentos de conflitos econômicos, se transformassem em Comitês de Empresa permanentes.

O lançamento de palavra de ordem de caráter educativa não pode implicar num "adiamento" do problema da organização dos operários nos locais de trabalho. Temos de enfrentá-lo de imediato com os meios que temos à disposição, isto é, criando células fabris da Organização e núcleos de operários politizados dispostos a uma luta mais conseqüente, organizando comitês de luta contra o atraso de pagamento, contra o despejo ou outro problema enfrentado localmente. Ou simplesmente com quadros individuais que disponham da maior mobilidade possível, dispostos a mudar os lugares de trabalho e enfrentar tarefas em setores vitais — seja em fábricas, bairros ou sindicatos.

Devemos ter em mente, porém, que a formação de Comitês não termina o trabalho das células nas empresas. Onde houver militantes organizados em células, têm de atuar como facção mais consciente e mais decidida, que toma as suas resoluções em conjunto e que tem de exercer a sua influência política sobre o Comitê e os demais operários da empresa. De nada adiantaria, todavia, querer batizar uma célula de Comitê de Empresa. Semelhante "comitê" não preencheria suas funções representativas e se arriscaria a ficar isolado na empresa. A força do Comitê é a delegação que recebe por parte daqueles que o escolhem.

6. Isso coloca de novo e com urgência o problema dos quadros operários ligados à produção nos centros de trabalho. Ao dilema artificial de "trabalho de massa X catequização individual" temos de opor nossa experiência de que nenhuma luta de massa pôde ser aproveitada, no passado, sem a existência de quadros e de uma organização atrás dos quadros. E para guiar o movimento da massa operária, ou parte dela, são necessários quadros operários e uma organização operária. Querer esperar que surja de novo um movimento de massa para enfrentar o problema da penetração na classe operária é confiar nas soluções espontâneas que a luta política possa apresentar. Não negamos o papel da espontaneidade no movimento de massas, mas esse sempre reflete o grau de consciência e a experiência política já adquirida no passado. Se nós não nos empenharmos em influir **agora e constantemente** sobre a consciência da classe operária, formando no seu seio um núcleo revolucionário cuja atuação repercuta sobre a classe toda, o comportamento das massas em futuras crises não será qualitativamente muito diferente do passado.

Em segundo lugar, devemos ter aprendido que é a presença física durante a luta que cria a liderança. Sem a nossa presença no movimento operário, **agora e constantemente**, as massas operárias não estarão preparadas para aceitar a nossa

liderança no cume de futuras crises. Nós temos de vencer **agora** o grande obstáculo, que a composição social da Organização representa para o processo do trabalho revolucionário no país, sob pena de precisar enfrentar a eclosão de uma futura crise como uma Organização à margem da classe operária, e recomeçar a luta em condições desfavoráveis, contra novas formas de reformismo e populismo no movimento de massa, que seguirá lideranças conhecidas e tradicionais.

7. Outra frente de penetração na classe operária são os bairros. Não nos referimos ao trabalho entre favelados em geral, como foi feito no passado, mas à concentração em bairros e conjuntos residenciais do proletariado fabril. As condições mudam de cidade em cidade, mas sempre há bairros operários, com suas associações locais, esportivas, escolas noturnas — ou que sentem necessidade dessas instituições. Também aqui cabe uma ligação entre o trabalho legal e o ilegal, que só pode ser realizado pela presença física de quadros residentes nos bairros, capazes de conseguir uma liderança local. A penetração nesses lugares tem a vantagem de atingir mais facilmente a juventude operária, que geralmente toma a iniciativa na vida social e esportiva local. Exige, de outro lado, e principalmente no início, a formação de quadros capazes de se integrar no ambiente específico das associações de bairro, participar de sua vida e tomar as "deixas" locais como ponto de partida para um trabalho educativo e político.

Esse trabalho se impõe porque a juventude operária — ainda não viciada nem desgastada pelo sindicalismo e populismo vigentes - não pode ser esquecida como fator importante nas lutas revolucionárias.

8. O número de operários na Organização, os problemas levantados pela nossa agitação e propaganda, etc., tornam evidente que ainda não enfrentamos o problema cardeal. Significa que a Organização toda, em suas seções e células, ainda não enfrentou a questão fundamental, da nossa linha estratégica, a da formação de uma vanguarda política da classe operária. Significa que persistimos no dualismo pequeno-burguês, da verdade teórica e do empirismo prático.

O nosso problema essencial é justamente o da **prática** revolucionária, de se voltar a Organização toda de cima para baixo para a atividade no meio proletário, como razão de ser. O problema é todo militante ter plena consciência que todas as atividades da Organização (também as estudantis e outras) devem ter como fim, e devem ser julgadas sob o ângulo da penetração na classe, pela qual fala teoricamente. Devem visar a formação de um proletariado revolucionário, que possa adiantar e liderar de fato o processo revolucionário no país. O nosso problema não é só de quantidade; trata-se da qualidade da nossa atuação.

9. As circunstâncias particulares nas quais surgimos como organização política, as preocupações imediatas de combate ao reformismo e ao revisionismo, e a necessária concentração dos nossos esforços no meio de uma esquerda oportunista, fizeram com que, durante muito tempo, tenhamos deixado em segundo lugar a argumentação básica anticapitalista e socialista para o trabalho de massa. Debates estratégia e tática, "desenterrarmos" princípios fundamentais no marxismo-leninismo — tudo isso era e continua sendo necessário — mas demos pouca importância ao fato de, como militantes revolucionários, termos de manter a denúncia da injustiça da sociedade, a exploração capitalista, combater o estado burguês e seu aparelho de repressão. São essas denúncias diárias de acontecimentos "de rotina" na sociedade burguesa, que formam a consciência de classe dos operários. A ausência desse trabalho faz com que muitos militantes nossos encontrem dificuldades de diálogo com um operário de fábrica, simplesmente por não entrar nos assuntos que lhe dizem respeito, ou por apresentar os problemas de um ângulo abstrato, que o operário ainda não está preparado para enfrentar. Faz

